



Título: Rádio e Política em Campinas: a trajetória do rádio AM¹

Autora: Ivete Cardoso do Carmo Roldão²

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Resumo:

Resgate da história do rádio AM em Campinas-SP. tendo como referência a posse da concessão e o perfil da programação das emissoras: Educadora, Brasil, Cultura, Central e Jequitibá. Estudo de caso realizado por meio de análise bibliográfica e documental, entrevistas com profissionais, além de reportagens e propagandas das rádios nos jornais da cidade. Os resultados demonstram que o quadro local não é diferente da realidade brasileira em que poucos grupos detêm a maioria dos veículos de comunicação; comprovam que a maioria das concessões forma dadas a aliados do Governo Federal e que a história do AM está ligada à política da cidade também porque figuras do cenário político campineiro atuaram e/ou atuam nas emissoras; apontam, ainda, para o predomínio do arrendamento da grade para igrejas, programação em rede em detrimento da local e ausência quase total de jornalismo.

Palavras-chave: rádio; história; política; Campinas; programação.

Desde a implantação do rádio em nosso país os sucessivos governos transformaram os veículos de comunicação em moeda forte. “Ao longo das décadas, o Estado foi distribuindo concessões de rádios para os grupos econômicos e políticos que formavam sua base aliada de sustentação, numa espécie de capitânicas hereditárias eletromagnéticas” (COSTA, 2005, p. 39). Resultante desse processo, hoje a propriedade dos meios de comunicação no Brasil caracteriza-se pelo predomínio de grupos que detêm a concessão de diferentes veículos em uma mesma cidade e grupos que detêm veículos em diferentes locais. Segundo a revista *Sem Fronteiras* (1997, p. 16), 90% da mídia nacional é controlada por 15 grupos e famílias. Para Caldas (2005, p.9) “O mapeamento da mídia eletrônica mostra que são 10 os grupos familiares que dominam a concessão das emissoras de radiodifusão no Brasil”.

Esse quadro demonstra que a radiodifusão em todo o Brasil tem estreita relação com a política. Entretanto, de acordo com Ortriwano (1995, p.60): “A influência política penetra em todos os setores da radiodifusão, está presente em tudo, mas é muito mais

¹ Trabalho apresentado ao GT 5 - História da Mídia Sonora, do V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciec, São Paulo, 2007.

² Professora da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas desde 1988, é jornalista (1985) e mestre em Educação (1997) pela mesma Universidade. Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP (2003). De 2001 a 2004 foi diretora da rádio Educativa de Campinas. E-mail: carmo-roldao@puc-campinas.edu.br



difícil de ser identificada, na prática, por meio de fatos concretos”. Em nosso país, como demonstra Moreira (1998), o rádio e a política sempre caminharam juntos.

Dentro de um quadro que aponta para as dificuldades financeiras enfrentadas pelo rádio AM em todo o Brasil, mas que reforça a sua importância política e histórica, a presente pesquisa reúne subsídios que devem contribuir para a compreensão do papel político das emissoras de rádio em Campinas, interior do estado de São Paulo. Foi realizado um resgate histórico das cinco emissoras de rádio AM da cidade, com o objetivo de verificar como se deu o processo de concessão de cada uma das emissoras, quais foram as mudanças de concessionários e, ainda, identificar as principais mudanças ocorridas no perfil da programação de cada uma delas ao longo desse período. São 11 as emissoras de rádio em Campinas (cinco AM e seis FM)³. As cinco emissoras AM, que compõem o objeto desta pesquisa, são: Educadora, Brasil, Cultura, Central e Jequitibá.

A pesquisa teve como base prioritária as entrevistas com atuais e antigos diretores e coordenadores de programação das emissoras e uma intensa busca em jornais da década de 1930 até os dias atuais, no acervo da RAC - Rede Anhanguera de Comunicação, proprietária dos jornais *Correio Popular* e *Diário do Povo*. Foi feita uma checagem das informações entre os entrevistados e também a partir do material impresso: documentos, jornais e levantamento bibliográfico.

Anos 30 e 40: O predomínio da PRC-9 – rádio Educadora

A primeira emissora de Campinas é a atual rádio Bandeirantes AM⁴, cujos sócios são Salomão Esper Salomão e João Carlos Saad. Embora a PRC-9 – rádio Educadora tenha sido adquirida pela Bandeirantes em 1959, apenas em 2002 assumiu o nome da rede. No portal do grupo, que é constituído atualmente pela Bandeirantes AM, Educadora FM e TV Band Campinas, a história dessa rádio começa apenas em 1933, como PRC-9. Entretanto, registros históricos demonstram que o embrião foi a rádio Clube de Campinas, cuja reunião de fundação ocorreu em 26 de junho de 1930. Um de seus fundadores, Jolumá Britto, dedicou 53 anos à emissora.

³ De acordo com o relatório disponibilizado no *site* do Ministério das Comunicações de 05 de janeiro de 2004, que apresenta a composição societária das emissoras de radiodifusão. Nesse mesmo relatório constam, ainda, duas rádios de baixa potência legalizadas em Campinas, mas que não serão objeto de estudo deste projeto.

⁴ Lista publicada pelo Ministério das Comunicações do Quadro de Sócios e Diretores dos canais de rádio em OM – Ondas Médias. Acesso em 17.07.2006.



A rádio Clube surgiu em Campinas quando a cidade tinha cerca de 60 mil habitantes e já existiam os dois jornais que circulam ainda hoje: o *Diário do Povo* e o *Correio Popular*. No primeiro período a emissora funcionava de 2^a. feira à sábado das 19:30 às 21:30 horas e nos domingos e feriados das 14 às 16 e das 19:30 às 21:30 horas. De acordo com o jornal *Correio Popular* de 09.09.1930, eram irradiados programas de discos fornecidos por diversas casas comerciais da cidade e divulgadas notícias de interesse da população.

A emissora que foi registrada em Cartório com 60 watts não atingiu essa potência antes de ser tirada do ar em outubro de 1930 por Washington Luis, durante a Revolução⁵, quando todas as emissoras de rádio do Brasil foram fechadas. Terminada a Revolução, a rádio Clube de Campinas voltou a transmitir ainda em caráter experimental nos primeiros dias de 1931. Pode-se considerar que nesse período houve a primeira mudança na rádio Clube. Ela entrou no ar novamente, mas sem a maioria daqueles que a fundaram. A rádio tinha à frente, então, Miguel Ricci, o proprietário de uma agência de automóveis Ford em Campinas.

Em 1932 a rádio Clube sofreu a censura do governo federal durante a Revolução Constitucionalista⁶, que fechou as rádios para que não circulassem informações sobre o movimento paulista. Ela ficou fechada até meados de 1933, já que seus equipamentos estavam sendo utilizados para montar a nova sede, pelo técnico em eletricidade, Antonio Tepedino Pagano, que mais tarde, conseguiria o prefixo da emissora. Em crônica publicada no jornal *Diário do Povo* de 21.12.1974, Jolumá Britto conta: “[...] lutamos para a obtenção do prefixo da emissora, tendo Pagano, para isso, se dirigido ao Rio de Janeiro (Estado da Guanabara) até que, em 11 de novembro de 1933, a *broadcasting* recebia seu número e letras: PRC-9”. Assim a emissora foi registrada: PRC-9 Sociedade Rádio Educadora de Campinas, com a frequência de 1170 Khz.

Quatro dias após obter o prefixo, a emissora publicava a sua programação, ainda experimental, no jornal *Diário do Povo* de 15.11.1933, na qual é possível observar que

⁵ Em 1930, o presidente Washington Luis lança o também paulista Júlio Prestes para a sua sucessão. Mas um paulista sucedendo outro romperia a tradicional alternância de poder entre São Paulo e Minas Gerais. Os mineiros vão engrossar as fileiras da oposição, que apresenta Getúlio Vargas candidato a presidência. As eleições dão a vitória ao candidato do governo. A Aliança Liberal se une aos militares e inicia a revolução em 03 de outubro. A revolta logo se alastra pelo país. O Presidente Washington Luis é deposto. O candidato eleito Júlio Prestes se refugia na Embaixada Inglesa. Em novembro de 1930, Getúlio Vargas toma posse como chefe do governo provisório.

⁶ Em julho de 1932 explode, em São Paulo, uma revolta contra Getúlio Vargas. As forças paulistas reivindicam, além da Constituição, a realização de eleições e o fim do governo provisório. Em outubro de 32, após três meses de luta, os paulistas se rendem. Prisões, cassações e deportações se seguem à capitação. Estatísticas oficiais apontam 830 mortos, mas estima-se que centenas a mais de pessoas morreram sem constar dos registros oficiais. Apesar da derrota paulista, dois anos depois, em 1934, uma assembléia eleita pelo povo promulga a nova Carta Magna.



no início se restringia, de certa forma, à elite, com óperas, recitais de poesia, concertos e palestras culturais. Mesmo porque os aparelhos de rádio até então custavam muito caro e poucas pessoas tinham acesso.

Em 1934 ocorreu uma nova mudança na rádio Educadora. Antonio Pagano comprou a PRC-9 que, ainda na década de 30, começou a ser popularizada, embora mantivesse sempre um espaço para programas mais educativos e para a música orquestrada. De acordo com Jolumá Britto (apud OLIVEIRA et al, 1987, p. 74-5): “Havia um programa de calouros muito concorrido, assim tipo Silvio Santos. Esse programa teve início por volta de 1934 e foi avançando no tempo [...]”. Para se ter uma idéia da dimensão dos espetáculos promovidos pela Educadora, em 1937, a emissora trouxe para Campinas Silvio Caldas e outros cartazes da música brasileira. Paralelo aos shows, a emissora ainda mantinha programas educativos. Em 1939 lançou “Quartos de horas de Portuguez”, para ensinar o nosso idioma.

Em 1940 foi constituída uma Sociedade Anônima para gerenciar a emissora, e embora Antonio Pagano tenha ficado com a maioria das ações, por decisão dos acionários, Gustavo Dória foi eleito presidente. Pagano ficou como diretor técnico. Com essa mudança a PRC-9 passaria pelo auge de sua história, mas também por um grave momento de crise (*Diário do Povo* de 28.12.1974).

Em 1940 entrou no ar o primeiro programa sertanejo da PRC-9 e também nesse período foi inaugurado o radioteatro. Com Gustavo Dória na administração a partir de 1941, a Educadora chegou a se igualar às rádios das capitais. Em 1942 aconteceu o fim do intervalo e a programação passou a ir ao ar das 8 às 23 horas. Ainda em 1940, Antonio Pagano⁷ vendeu as suas ações da rádio Educadora para Gustavo Doria, com quem teria se desentendido sobre os rumos da administração da emissora.

Nesse período a PRC-9 transmitia os jogos de Guarani e Ponte Preta, corridas de bicicleta, corridas a pé, jogos abertos do interior, luta livre, corrida de automóveis, boxe, enfim, qualquer evento era transmitido, desde julgamentos até inauguração de lojas. Mas, ao final dos anos 40, aquela que havia sido a única emissora de Campinas durante quase 20 anos e que viveu seus dias de glória absoluta naquela década, começou a enfrentar problemas financeiros.

⁷ Segundo Jolumá Britto, em artigo publicado no *Diário do Povo*, de 25.01.1975, Tininho Pagano mudou-se para São Paulo, onde morreu em 09 de novembro de 1974. O mesmo artigo conta que ele fez duas faculdades, Engenharia e Direito, e que possuía duas emissoras de rádio no litoral paulista.

A situação se agravou pelo fato de Gustavo Dória ter se envolvido, em 1950, com a candidatura de Ranieri Mazilli⁸ para deputado federal e colocado à disposição da campanha os seus veículos de comunicação: A rádio Educadora e o jornal *A Defesa*, conforme relata Carlos Guedes de Oliveira, à época assistente do próprio Gustavo Dória, apud Oliveira et al. (1987, p. 367-8): “Inventávamos promoções para que o homem ficasse conhecido, e ele começou a ganhar projeção. [...] Foram feitas muitas promoções e muito dinheiro foi gasto”. Depois de eleito, Gustavo Dória teria ido procurar Ranieri Mazilli no Rio de Janeiro, mas o deputado nunca retribuiu a ajuda de campanha. E assim, em 1952, Gustavo Dória, endividado foi obrigado a vender suas ações da rádio Educadora para a Rede Piratininga, que tinha diversas rádios espalhadas pelo Estado de São Paulo.

Década de 50: Irmãos Pedroso inauguram Brasil e Cultura

A década de 50 foi marcada pela criação das rádios Brasil e Cultura dos irmãos Pedroso: José Correia Pedroso Júnior, Abel e Sinésio Pedroso. “O Pedrosinho (José) foi quem conseguiu as concessões para nós, porque ele era amigo do Getúlio, ele era deputado e fez muitas leis trabalhistas, inclusive a do 13º salário⁹”.

Em 1945 José Pedroso Correia Jr. foi eleito deputado federal pelo PTB e designado relator da Comissão de Rádio e Difusão. Assim, ele tinha acesso aos processos de radiodifusão da Câmara Federal e acabou conseguindo a concessão de várias emissoras no Estado de São Paulo. Diante da impossibilidade de se abrir uma emissora em Campinas, que já contava com a PRC-9, e usando de sua influência política dentro da Comissão, o deputado pediu emissoras no interior paulista e obteve 11 concessões. As emissoras receberam a mesma denominação de rádio Brasil, formando o Sibrarad - Sistema Brasileiro de Radiodifusão -, que durou até a década de 70, quando as emissoras começaram a ser vendidas.

Em Campinas, que em 1950 tinha cerca de 150 mil habitantes, a rádio Brasil foi colocada no ar pelo empresário e radialista Sinésio Pedroso no dia 11 de março, em

⁸ De acordo com o *site* da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzili, em 1950, foi eleito deputado federal por São Paulo. Foi reeleito em outras três vezes: 1954, 58 e 62. Entre 1959 e 1965 foi presidente da Câmara e por diversas vezes assumiu a presidência da República. As mais importantes foram em agosto de 1961, quando Jânio Quadros renunciou e João Goulart estava em viagem à China, e em abril de 1964, com o golpe militar e a deposição de Jango.

⁹ Sinésio Pedroso Jr., em entrevista à autora. Campinas, outubro de 2006.

onda tropical¹⁰, o que dificultava a sintonia na cidade. A rádio Brasil transmitia sua programação com um estilo de locução diferente da PRC-9 e o transmissor tinha mil *watts* de potência. No ano seguinte foi inaugurada a rádio Brasil de Valinhos (ZYZ-39), que segundo o *Correio Popular* de 17.03.1951 teria programação simultânea com a rádio Brasil de Campinas. De acordo com Oliveira et al. (1987, p. 359):

Embora se falasse numa Rádio Brasil de Valinhos, lá nunca houve estúdio, o que existe é o transmissor. [...] Como a primeira estação dos irmãos Pedroso necessitava de ondas médias, eles juntaram os dois prefixos e ficaram somente com a rádio Brasil de Campinas.

Enquanto a Brasil iniciava sua programação com muita prosperidade, a PRC-9, então já muito conhecida como Educadora, que na década de 50 pertencia a Rede Piratininga, passava por uma crise administrativa. Logo após a inauguração, a rádio Brasil passou a ter uma programação cada vez mais diversificada e popular, conforme *Diário do Povo* de 08.11.1951.

A emissora se destacou também por começar com toda força no esporte, em especial o futebol. Irradiava ainda luta livre, pingue-pongue, ciclismo, natação e até pimbolim e jogo de botão. Em 1950 foi a única emissora do interior paulista a cobrir a Copa do Mundo no Maracanã. A Educadora também fazia transmissões de futebol, mas estava distante da força que a Brasil apresentava, embora tenha sido ela a pioneira nas transmissões esportivas e Jolumá de Britto o único cronista esportivo em Campinas até o início dos anos 50.

Em 26 de março de 1953 entrou no ar a segunda concessão que o Deputado José Correa Pedroso havia obtido para seus irmãos em Campinas: era a “Nova” rádio Brasil (1390 Khz). “Mais uma frequência da maior organização radiofônica do interior brasileiro”, era o que anunciava o *Diário do Povo* de 10.03.1953. A emissora, atual rádio Cultura AM (Globo Campinas), começou suas atividades em um banheiro da rádio Brasil e a programação era só musical e publicidade, uma espécie de FM da época, com vozes bonitas, poucos anúncios e o melhor som da cidade, uma rádio musical e de elite.

Com o passar do tempo, ainda na década de 50, a segunda emissora dos irmãos Pedroso foi diversificando sua programação. Em 1957 já havia programa de juventude, de saudosistas, de tangos à meia-noite, entre outros. Vale destacar que até 1963 todas as

¹⁰De acordo com o *site* do Ministério das Comunicações: **Ondas Tropicais** é a modulação em amplitude (AM), cuja portadora está compreendida na faixa de frequência de 3200 kHz até 5060 kHz, o que faz com que uma transmissão seja bem recebida em lugares distantes mas seja deficiente na sua própria localidade.



rádios fechavam no máximo à meia-noite e foi a rádio Cultura a primeira de Campinas a ficar no ar 24 horas.

Durante a década de 50 a rádio Brasil continuou crescendo, até porque sua autonomia para uma programação própria propiciava condições para enfrentar a Educadora que desde 1952 pertencia à família Leuzzi (Rede Piratininga). Nesse período a PRC-9 ia ao ar das 6 horas até a 1 hora da madrugada, ininterruptamente, e se apresentava como “a mais poderosa do interior paulista”, de acordo com anúncio no jornal *Correio Popular*, de 01.04.1955.

Em 1959, em um período de concorrência com a rádio Brasil e já também com a entrada da televisão no mercado, a família Leuzzi perdeu o controle financeiro da Educadora. Essa nova crise levou a transferência dela para a Rede Bandeirantes. Iniciou-se, assim, uma nova fase com grandes reformas na programação.

Além disso, em 1958, as emissoras da família Pedroso se separaram. Sinésio ficou com a rádio Brasil e Abel com a rádio Publicidade e Cultura, nome adotado pela segunda emissora. Houve um enfraquecimento pois as equipes se dividiram. Com essa situação, a Educadora foi beneficiada e voltou a crescer.

Nos anos 60, as três emissoras seguiram novos rumos e sofreram mudanças em suas audiências. A Educadora passava por profundas modificações com a entrada de Júlio Atlas na direção, um radialista de grande prestígio enviado pela Rede Bandeirantes. A rádio Brasil apresentou, com a separação, um pequeno declínio, embora mantivesse um bom nível de audiência, principalmente no setor esportivo. Sua programação continuava com a vertente popular e apresentava diversos programas de música sertaneja. A Publicidade e Cultura partiu para o jornalismo e programação variada. Posteriormente também criou seu departamento de esportes. De 1953 a 1984 eram essas as três emissoras AM disputavam os ouvintes e o mercado publicitário campineiro.

Década de 80: Central e Jequitibá entram no ar

A rádio Central AM foi a quarta emissora a entrar no ar em Campinas, que nesse período tinha mais de seiscentos e sessenta mil habitantes¹¹. A emissora, cujos primeiros

¹¹ De acordo com o portal da Prefeitura de Campinas:
http://www.campinas.sp.gov.br/seplan/publicacoes/sumariodemog/mun_cps.htm. Acesso em 04 de outubro de 2006.



concessionários foram Lauro Moraes Filho¹², Gióia Júnior¹³ e o Monsenhor Geraldo Azevedo¹⁴, foi inaugurada em 07 de novembro de 1980, pelo presidente João Batista Figueiredo. De acordo com Gonçalves (1987, p. 45-6): “A direção da emissora explorou ao máximo o acontecimento, inclusive em decorrência do afinamento político de sua cúpula e o governo federal via PDS, partido do deputado Gióia Júnior, um dos proprietários da rádio Central”.

As reportagens dos jornais de Campinas do dia seguinte à inauguração confirmam a amizade do presidente com os concessionários. De acordo com o *Diário do Povo*, de 08.11.1980, o presidente declarou-se “satisfeito pelo fato de a Central pertencer a dois amigos: Lauro Moraes e o deputado Gióia Júnior. ‘Espero que a Central faça por Campinas o que o Gióia vem fazendo pelo país’, acrescentou”.

Com o slogan “Minuto a minuto, jornalismo em todos os setores da cidade”, no dia da inauguração, 07.11.1980, no jornal *Correio Popular*, a rádio Central anunciava a programação que ia ao ar das 4 à 1 da madrugada, enfatizando que seria composta por música, esporte e jornalismo. Mas essa programação e a equipe qualificada, dirigida por Romeu Santini¹⁵, não duraram muito tempo. De acordo com Gonçalves (1987, p. 51)

Os acionistas Gióia Jr. e Monsenhor Geraldo Azevedo decidem abrir mão da parte que lhes cabia. Guilherme Campos, empresário do ramo de comércio em geral, presidente da Associação Comercial e Industrial de Campinas, proprietário da Guarda Noturna e pouco afeito às comunicações se envolve nas negociações. Dividindo a emissora com Lauro Moraes, Guilherme Campos decide também assumir o comando da rádio.

Mesmo com a saída dos renomados jornalistas que compuseram a equipe inicial, em 1985¹⁶, ainda sob a direção geral de Romeu Santini, a rádio continuou com uma forte equipe de esportes e a equipe de jornalismo, embora reduzida, continuava atuante. Com duas viaturas, jovens repórteres estavam em diversos pontos da cidade e entravam no ar a qualquer hora. Em 1986, Guilherme Campos repassou a concessão da Central

¹² Diversas vezes presidente da Associação Atlética Ponte Preta, entre os anos de 1970 e 1990.

¹³ De acordo com o *site* da Câmara dos Deputados, Rafael Gióia Martins Júnior, professor, advogado, jornalista, radialista, publicitário e poeta foi vereador em São Paulo e líder do prefeito Faria Lima em 1964; deputado estadual pelo MDB de 1967 a 1971; deputado estadual pela Arena de 1971 a 1975; deputado federal: 1975 a 1979 (Arena) e 1979-1983 e 1983-1987 (PDS).

¹⁴ Pároco da Igreja do Carmo, o mesmo que obteve a licença da Andorinha FM ainda em 1958.

¹⁵ O jornalista e advogado era político experiente nesse período. Presidente da Câmara já em 1964, em 2004 terminou seu sexto mandato como vereador em Campinas. Atualmente faz parte do governo do atual prefeito da cidade, Dr. Hélio de Oliveira Santos.

¹⁶ Nos anos de 1985/86 esta autora fez parte da equipe de jornalismo da rádio Central como repórter, pauteira e editora.

para Orestes Quércia, que sempre teve estreita vinculação com o rádio e a imprensa de Campinas¹⁷.

Em 1984, outro político, Natal Gale¹⁸, obteve a concessão da quinta e última rádio AM instalada em Campinas: a Jequitibá, que antes se chamava Difusora e, depois, Princesa. A Jequitibá entrou no ar de forma muito discreta. Foi em sua segunda legislatura como deputado federal, já no PDS, que Natal Gale obteve do então presidente João Batista de Figueiredo a concessão de suas emissoras de rádio (Jequitibá AM e Morena FM). De acordo com Moreira (1998, p. 86): “Nessa época começam a freqüentar as páginas dos jornais notícias sobre fatos nebulosos envolvendo a distribuição de canais de rádio e TV no Brasil [...]”.

Mas o advogado trabalhista, que havia conseguido sucesso como político, estava longe de ser um empresário da comunicação, como confirma Durval Biondi¹⁹: “O Natal Gale não sabia nem o que fazer, então o Paulo (Pedroso) deu uma sala pra ele na rádio Cultura, inclusive emprestou gravadores para ele. [...] Ele tinha um pouco de entusiasmo porque o filho ia tomar conta [...]”. Apenas em 1988, a emissora, já com o nome de Jequitibá e com Luís Ceará na direção, passou a ser uma rádio sertaneja 24 horas no ar. Paralela a essa programação havia a equipe esportiva e uma pequena equipe de jornalismo.

Entre 1987 e 1989, a direção geral das duas emissoras – Jequitibá AM e Morena FM –, pertencentes ao então deputado federal, era de responsabilidade de seu filho, o jovem Renato Gale. Mas, quando perdeu o mandato parlamentar, Natal Gale começou a estar mais presente na rádio, conforme conta Luis Ceará²⁰: “Por interesse político, ele queria fazer campanha através das rádios, porque a Jequitibá e a Morena tinham muito prestígio [...] Então a gente não se entendeu, era uma forma que não daria resultado”. Com a saída de Luis Ceará, a emissora continuou com a programação sertaneja, mas começou a se perder em função da ingerência política.

Na década de 80 as três emissoras mais antigas ainda disputavam a liderança. Mas a rádio Brasil já sofria as conseqüências da doença de seu fundador. Na segunda

¹⁷ Quércia foi locutor nos anos 50 e 60, nas rádios Cultura e Brasil, quando foi eleito vereador pela primeira vez (1964). Em 1979, Quércia lançou o *Jornal de Hoje*, extinto em 1981. Logo em seguida, comprou o jornal *Diário do Povo*. Quando adquiriu a rádio Central, Orestes Quércia era vice-governador, eleito governador do Estado de São Paulo no ano seguinte.

¹⁸ Natal Gale nasceu em Orlândia, em 1937. Advogado, foi presidente do MDB de São Paulo em 1975. Pelo mesmo partido foi vereador em Campinas, eleito em 1968, e reeleito em 1972 chegou a presidência da Câmara. Foi eleito deputado estadual em 1975 e também foi presidente Assembléia Legislativa de São Paulo. Para a Câmara dos Deputados foi eleito em 1978 e reeleito em 1982, já no PDS-Partido Democrático Social.

¹⁹ Em entrevista à autora. Campinas, novembro de 2006.

²⁰ Em entrevista à autora. Campinas, setembro de 2006.



metade da década de 70, Sinésio Pedroso foi ficando rouco até perder totalmente a voz. Para um homem que era apaixonado pelo rádio e em especial pela locução, isso foi muito difícil de aceitar. Na primeira metade da década de 80, mais ou menos entre 1982 e 1986, a Brasil fez um convênio com o departamento esportivo da rádio Globo. Assim, procurava manter a tradição no esporte, que sempre foi o carro chefe da emissora.

Nesse mesmo período, a rádio Cultura ganhou maior envergadura com a direção de Paulo Pedroso, que reforçou a linha voltada para o jornalismo. Em meados da década de 1980, a emissora montou uma equipe que fazia cobertura nas áreas de educação, saúde e política, entre outras, em toda a cidade. Além disso, havia o programa policial e também a equipe esportiva, bem como os programas populares musicais de estilos variados.²¹

Na década de 1990, a rádio Central assumiu, definitivamente, o perfil de rádio popular, reestruturação iniciada no final da década de 1980 com a saída de Romeu Santini, diretor da emissora desde a sua inauguração. O atual diretor-geral, Jair Duprá²², que entrou na Central em 1992, conta como estava a emissora:

A programação estava meio desfigurada. [...] era mais sertaneja, mas ela tinha perdido assim a identidade. O jornalismo tinha se reduzido a alguns *spots*. Era uma coisa ali meio de transição. [...] Nesse período, todo o esporte da rádio foi o único segmento que não perdeu essa identidade.

Só no final de 1993, depois de uma série de tentativas é que a Central se firmou com uma programação popular muito próxima daquela que possui ainda hoje, com comunicadores como o próprio diretor da emissora, Jair Duprá e Jota Silva²³. Com essas mudanças, a emissora começou a crescer e em 1997 já disputava a audiência com a Educadora.

Enquanto a Central investia em uma nova proposta, a rádio Jequitibá entrava em um período de declínio. No início da década de 90, com a saída da equipe que estava estruturando a rádio e algum tempo depois com a morte de Renato Gale, filho de Natal Gale, a emissora passou a arrendar grande parte de seus horários para igrejas. De acordo com Maia (1994, p. 5), naquele ano, a rádio Jequitibá vendia 18 horas e 30 minutos (ou

²¹ Entre 1986 e 1988, esta autora trabalhou na equipe de jornalismo da Rádio Cultura como repórter e pauteira.

²² Em entrevista a autora. Campinas, setembro de 2006.

²³ Jota Silva está em Campinas há 25 anos. Veio de Cruzeiro do Oeste-PR. Há mais de 20 anos no rádio campineiro, foi vereador eleito em 2000 e reeleito em 2004 pelo PMDB.



77,1%) da sua programação diária para a igreja pentecostal Deus é Amor²⁴. Em 1997 a rádio estava com dois terços de sua grade arrendados para a Igreja Universal do Reino de Deus.

No início dos anos 90 a Educadora tinha uma programação de caráter popular. Nesse período entrou na emissora um jovem radialista, que seria responsável por alavancar a audiência. O comunicador que também coordenava a programação era Jonas Donizete²⁵. Seu programa, das 8:30 às 11 horas, era considerado o horário nobre da emissora.

Na rádio Brasil, após a doença e o afastamento definitivo de Sinésio Pedrosa da direção, aos poucos entraram os programas religiosos e foram firmados outros convênios. No início dos anos 90, quando as igrejas descobriram a importância do rádio, a Igreja Universal ocupava alguns horários da noite e madrugada. Entre os anos de 1995 e 1996, a emissora também fez um convênio com a American Sat. Ia ao ar a programação da Universal à noite e a American Sat tinha alguns programas durante o dia. Em 1997, de acordo com reportagem do *Diário do Povo* de 13.04.97, a rádio Brasil, apesar da programação evangélica, ainda tinha no esporte o carro chefe de sua programação.

Em uma das trocas de bispos da Igreja Universal, o responsável nomeado para Campinas rompeu o contrato. Em 1999, a Brasil foi arrendada pela Igreja Deus é Amor, do Pastor Davi Miranda e passou a transmitir 24 horas por dia de programação evangélica. Nesse período deixou de investir, inclusive, nas transmissões de jogos de futebol.

A rádio Cultura, por volta de 1989 e 1990 passou a se chamar rádio Cultura/JB. Era um convênio com a rádio Jornal do Brasil para ser uma rádio de elite, de música e informação como é a JB no Rio de Janeiro. Mas a parceria durou pouco tempo. A rádio Cultura, em 1º de novembro de 1991, passou a ser a primeira afiliada da CBN – Central Brasileira de Notícias, no interior. A CBN foi retransmitida pela Cultura AM até 1999, quando mudaria apenas para a Cultura FM.

²⁴ A Igreja Pentecostal Deus é Amor foi fundada, dia 03 de junho de 1962, pelo missionário David Martins Miranda. Hoje já está com mais de 11 mil igrejas espalhadas pelo Brasil e em mais 136 países, como escrito no *site* da própria instituição religiosa.

²⁵ Jonas Donizete começou sua carreira em rádio AM, aos 18 anos, na Rádio Jornal de Limeira. Em 1988 entrou na Rádio Central de Campinas e, posteriormente, atuou na Rádio Educadora, sempre com programas dirigidos às classes populares, principalmente donas de casa. Mais tarde, o próprio Jonas resolveu entrar para a política. Hoje, na rádio Cultura/Globo, é também deputado estadual pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB); já foi vereador na cidade por duas vezes e candidatou-se à prefeitura de Campinas em 2004. Atualmente possui programa na rádio Globo Campinas.

O rádio hoje em Campinas: a realidade das cinco emissoras AM

A atual rádio Bandeirantes deixou de ser rádio Educadora e passou a investir no jornalismo a partir de 2002. A mudança no nome e na linha de programação da emissora não foi uma decisão isolada de Campinas. De acordo com o atual diretor Rodrigo Neves²⁶, era um sonho de João Saad, fundador do grupo Bandeirantes, e de João Carlos Saad, atual presidente. Embora a mudança de nome tenha acontecido em julho de 2002, a implementação de uma programação de jornalismo 24 horas ocorreu no início de 2004. A programação da Bandeirantes, em 2006, apesar de pertencer a uma rede nacional, era formada em sua maioria por programas locais, aproximadamente 73% da programação.

A rádio Brasil viveu o seu período mais trágico de 1999 até abril de 2003, quando Paulo Pedroso comprou 80% da emissora. Atualmente, Sinésio Pedroso Jr. possui 20% e os outros irmãos estão totalmente desligados da emissora. A rádio transmite em parceria com a rádio Aparecida e o slogan é “rádio Brasil - em sintonia com a fé católica”. Com a direção de Paulo Pedroso, a rádio Brasil adquiriu um novo transmissor, trocou a torre, aumentou a potência, comprou computadores, enfim, está reestruturada tecnicamente e inclusive pronta para a transmissão digital.

A rádio Cultura, atualmente, retransmite a rádio Globo de São Paulo. Em junho de 2000 fez um convênio com a rádio América, em função da audiência proporcionada pelo Padre Marcelo Rossi. Em 2002 o padre comunicador trocou a rádio América pela Globo e a Cultura seguiu o mesmo caminho. Em novembro de 2004 o radialista Tadeu Marcos²⁷ passou a ser o gerente da Brasil e em 2006 assumiu a direção de programação das duas rádios AM de Paulo Pedroso, passando a ter também um programa na Cultura/Globo Campinas. No que se refere à estrutura administrativa, até o início de 2007, Paulo Pedroso era o diretor presidente das três emissoras, concessionário junto com a irmã Sandra Pedroso (Cultura AM e FM) e com o primo Sinésio Pedroso Jr. (Brasil). Com a morte de Paulo Pedroso, em fevereiro de 2007, a irmã Sandra assumiu a direção do grupo.

²⁶ Em entrevista à autora. Campinas, dezembro de 2006.

²⁷ Tadeu Marcos possui mais dois irmãos radialistas e políticos, Jonas Donizete e Luis Lauro. Já atuou nas rádios Central e Educadora (atual Bandeirantes). Foi vereador em Campinas por quatro mandatos seguidos (de 1988 a 2004) e presidente da Câmara Municipal (em 1999 e 2000). Em 2004 foi eleito 1º suplente do PSDB na Câmara Municipal e em 2007 novamente assumiu mandato como vereador em Campinas.

O perfil popular da rádio Central, implantada em 1993, permanece até hoje e, no que se refere à audiência, pode-se dizer que com muito sucesso. A rádio Central AM pertence à Rede Central de Comunicação, do ex-governador Orestes Quércia, que, de acordo com Guedes (2006, p. 9)

é composta pelas afiliadas da rádio Nova Brasil FM, pela rádio Central AM cuja programação é destinada a um público das classes C, D e E, pelo jornal DCI, pelo portal Panorama Brasil, por um Centro empresarial, Jaraguá hotel, Shopping Jaraguá e TVB. Cada uma dessas empresas possui uma gerência administrativo-organizacional independente e autônoma, existe uma parceria comercial entre elas, pois, pertencem a um único proprietário.

A rádio Jequitibá está, desde agosto de 2003, arrendada integralmente para a Igreja Deus é Amor. Durante um período, entre 2002 e 2003, houve uma tentativa de voltar a ter programação sertaneja durante o dia, como a que havia feito sucesso no final dos anos 80 e início dos anos 90. Mas, segundo o gerente-administrativo da emissora, José Alves²⁸, a programação sertaneja tinha uma audiência extraordinária, mas não revertia em resultados financeiros.

O atual contrato de arrendamento prevê que o horário político, inserções políticas, “A Voz do Brasil”, enfim, tudo o que se refere ao cumprimento de legislação seja de responsabilidade da rádio, inclusive o recolhimento de impostos, todos os encargos, fiscalização, antena, transmissor, as manutenções, etc. A concessão da rádio continua em nome de Natal Gale, da ex-esposa Maria Inês de Carvalho Gervino. José Alves é responsável administrativo pelas duas emissoras Jequitibá AM e Morena FM, que também está arrendada, neste caso para a Igreja Universal.

Considerações finais:

No que se refere às concessões das cinco emissoras AM de Campinas, embora tenham ocorrido em períodos distintos, observamos a importância de o interessado ser aliado do Governo Federal. Exceto a primeira concessão, da PRC-9, em 1933, obtida por Antônio Tepedino Pagano, que era apenas um técnico apaixonado pelo rádio, as outras quatro foram obtidas por políticos ligados ao presidente da República ou ao partido em exercício.

A presente pesquisa demonstra que a história do rádio AM em Campinas está ligada à história política da cidade, não só pela posse das concessões, mas também por

²⁸ Em entrevista à autora. Campinas, dezembro de 2006.



que figuras representativas do cenário político campineiro passaram pelas emissoras como radialistas, entre eles Orestes Quércia e Romeu Santini. Mais recentemente, outros entraram para a carreira política, como é o caso de Jonas Donizete, Tadeu Marcos e Jota Silva. A aproximação do rádio com a política, observada em toda a história da radiofonia, é consequência da importante relação que os comunicadores criam com o público por meio desse veículo. Mesmo o fato de, eventualmente, não ser veiculado conteúdo político partidário nos programas, não significa que o favorecimento ao locutor não exista. Os comunicadores, através do programa de rádio, têm o privilégio da relação permanente com os ouvintes, possíveis eleitores.

As emissoras de audiência popular têm em comum o tipo de linguagem empregada e o tipo de programação (em geral assistencialista e com forte participação do ouvinte). São também terreno fértil para comunicadores bastante específicos, aqueles que extrapolam os limites do comunicar e informar, passando, através das ondas radiofônicas, a resolver os problemas da população. É comum o radialista adquirir este *status*, tamanha é sua identificação com o grande público, que o enxerga como uma ponte entre os necessitados e o poder público (PASSINI, 2004, p. 3).

Assim, pode ser observado que, ao longo desses 76 anos, desde que foi ao ar de forma experimental a primeira emissora de Campinas - atual rádio Bandeirantes -, a realidade constituída não é diferente da existente em todo o país. Pode-se observar na cidade, tanto casos em que a concessão foi dada a políticos, como a constituição de uma rede de rádios pertencentes a poucas famílias ou grupos. No que se refere a programação, no rádio AM de Campinas atualmente é possível observar o predomínio do arrendamento da grade horária para igrejas, a programação em rede em detrimento da programação local e ausência quase total de jornalismo. De acordo com Costa (2005, p. 50), “a programação desse sistema, portanto, salvo raras exceções, sofre influências e está a serviço dos interesses diretos daqueles donos, do Estado e de sua classe dominante”.

Referências Bibliográficas

CALDAS, Graça. Democratização na radiodifusão: da utopia à esperança com o compromisso público do PT. In: **XVIII Intercom - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro-RJ., 2005.

COSTA, Osmani Ferreira. **Rádio e Política: a aventura eleitoral dos radialistas no século XX**. Londrina: Eduel, 2005.

GONÇALVES, Gilberto. Rádio Central de Campinas: do ousado projeto de ontem ao lugar comum de hoje. In: **Revista Comunicarte**, nº 9/10, v. 5, PUC-Campinas, 1987, p. 43-53.



GUEDES, Sandra. Rede regional de rádio e o desenvolvimento. In: **Unesco - Congresso Multidisciplinar de Comunicação para o Desenvolvimento Regional**, Cátedra Unesco 10 anos. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

MAIA, Marta Regina. A sonoridade da fé – presença evangélica no rádio campineiro. In: **XVII Intercom - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Piracicaba-SP., 1994.

MARIANO, Júlio. **História da Imprensa em Campinas**. Campinas: Massaioli, 1972.

MOREIRA, Sônia V. **Rádio Palanque**, Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998.

OLIVEIRA, Hermelindo et al. **A era do rádio em Campinas**. Projeto Experimental de Conclusão do Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1987.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

PASSINI, Janine Marques. A política espetáculo e os ouvintes: Artifícios para conquistar a opinião pública. In: **XVII Intercom - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Porto Alegre-RS, 2004.

Periódicos:

BRITTO, J. Rádio Clube de Campinas. **DIÁRIO DO POVO**, Campinas, 17.11.1973.

BRITTO, J. Tininho Pagano III. **DIÁRIO DO POVO**, Campinas, 21.12.1974.

BRITTO, J. Tininho Pagano IV. **DIÁRIO DO POVO**, Campinas, 28.12.1974.

BRITTO, J. Tininho Pagano V. **DIÁRIO DO POVO**, Campinas, 25.01.1975.

Correio Popular. De caso com o Público. **CORREIO POPULAR**, Campinas, 09.05.1999.

Diário do Povo. Educadora, 38 anos a serviço da cidade. **DIÁRIO DO POVO**, 11.11.1971.

Diário do Povo. Figueiredo inaugura a rádio e deseja êxito. **DIÁRIO DO POVO**, 08.11.1980.

Diário do Povo. Jovem experiente, a rádio Central prima na informação. **DIÁRIO DO POVO**, 08.11.1980.

FUSER, Igor. Um latifúndio chamado informação. **REVISTA SEM FRONTEIRAS**, nº 250, São Paulo, Maio de 1997, p. 12-16.

GUIMARÃES, Alaôr Malta. A radio-difusão em Campinas. **CORREIO POPULAR**, Campinas, 18.07.1955.

RUIS, Lalá. Rádio Central muda programação. **DIÁRIO DO POVO**. Campinas, 31.01.1993.

SILVA, Marina. Guerra na AM. **CORREIO POPULAR**. Campinas, 14.07.2002.

SOARES, Alessandro & SILVA, Marina. AM com mais amplitude. **DIÁRIO DO POVO**. (Caderno Plural, p. 1,4 e 5). Campinas, 12.04.1997.